



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Faculdade de Artes e Letras

“A Bruma”

Eliseu Vieira Maia

Relatório para obtenção do grau de Mestre em Cinema

Orientador: Prof. Doutor Vasco Diogo

Covilhã, Outubro de 2011

Índice:

1) Introdução:

2) Sinopse Alargada:

3) Da ideia, à criação do guião:

- Caracterização das personagens:

4) Pré-Produção:

5) Rodagem:

- Objectivos:

- Realização:

- Opções estéticas:

 - Fotografia:

 - Sonoplastia:

- Direcção de actores:

6) Pós-Produção:

- Edição e Montagem:

- Banda Sonora:

- Correção de cor:

7) Conclusão:

Introdução:

Este ano lectivo (2010/2011), para o Projecto Final de Mestrado, o tema escolhido foi; a Memória no Cinema. A partir deste tema ou “ideia”, cada um de nós, alunos, temos de a interpretar e transformar em uma curta-metragem. A princípio, o tema pode suscitar pensamentos distintos; por um lado, é um tema bastante abrangente, que permite tanto espaço de liberdade criativa que pode levar, ao “melhor”, ou ao “ridículo”. Por outro lado, um desafio e um ponto de partida para a criação da narrativa. Depois de analisar os dois conceitos, e interpretá-los, o objectivo é concretizar. Desta forma, a curta-metragem é constituída por três partes essenciais; a pré-produção, a rodagem e a pós-produção. Neste relatório, irei abordar estes tópicos de forma individual, e ainda especificarei os aspectos técnicos do filme; as influências presentes e os objectivos propostos.

Com o tema como base, a narrativa foi conciliada com um guião que já tinha pensado. A partir daí tratava-se de conciliar ambas as partes e compor as peças. A memória está presente no filme, faz parte do filme; e a ideia definida que já tinha em mente conservou-se. O projecto foi pensado para ser filmado num estilo de cinema clássico, o que foi conseguido. É um dos meus estilos de eleição, mas não o que mais me satisfaz em termos de realização. A vontade de fazer um filme nesse registo era grande, e foi mais ou menos bem conseguida. Tendo a narrativa delineada, o mais complicado foi adaptar os dois. Tanto que o guião sofreu várias alterações, normais, e teve algumas versões. Os diálogos foram sempre uma das maiores preocupações e que mais alterações sofreu e que foi retocado bastantes vezes, e muitas vezes, encurtado, para melhor.

A etapa mais importante, que é na preparação do filme, foi onde senti mais dificuldades, sendo que a pré-produção foi toda feita por mim, e não podia estar em dois sítios ao mesmo tempo. Esta fase serve para privilegiar a rodagem em si, que é quando tudo tem que correr em prazos milimétricos. Para este filme, a rodagem era essencial correr bem, para poder esclarecidamente, conseguir dar resposta ao acontecimento, estando em várias frentes ao mesmo tempo. É na rodagem que tudo é realizado para a derradeira etapa e na etapa mais importante de fazer um filme, é na pós-produção que se vê o que realmente o material que há para fazer um filme. É nesta fase, que há que conciliar os restantes elementos na composição dum filme, a edição e a montagem, o som e a banda sonora, a correcção de cor.

Durante este relato, serão transmitidos os pormenores e as escolhas feitas ao longo deste processo de construção desta curta-metragem “A Bruma”, e ao longo destas três fases.

Sinopse Alargada:

Numa madrugada de nevoeiro, segue, estrada fora um jovem, Hércules, à boleia. Destino incerto. Pára um Senhor mais velho, que lhe dá boleia, Senhor Carlos.

Nasce o sol. Na viagem, Hércules lê um livro de memórias do seu recentemente falecido Avô. Carlos, instigado, explica que a vida é curta e diz-lhe que há que aproveitar. É no campo que Carlos se sente bem.

Na vinha, enquanto Hércules sulfata as uvas, Carlos acompanha e explica a sua receita, do tempo do seu Avô, para um bom vinho.

No pasto, Carlos dorme uma sesta, e Hércules entretém-se a assustar as ovelhas. Carlos surpreende Hércules, quando lhe diz que um dia ele estará pronto para ser independente, e tomar conta de si próprio, mas também outras vidas lhe serão confiadas.

Caminham debaixo de intenso calor, depois de virem do “cultivo”. A cumplicidade e a amizade entre os dois, é notória.

Põe-se o sol. Ao jantar, Hércules, está bem-disposto, conversam, orgulham-se da comida caseira, Carlos bebe uns copos; sente-se mal, pede licença e vai para a casa de banho.

Carlos, tosse, debruçado sobre o lavatório, Hércules, preocupado, vem ver se está tudo bem, e Carlos esconde uns comprimidos. Carlos embriagado, diz-lhe que está tudo bem e que amanhã não iam trabalhar. Apenas pede a Hércules, que lhe trate da horta, Hércules, encolhe-se, mas acata com a tarefa incumbida.

Numa estrada, Hércules caminha tranquilamente, vê uma ambulância a sair da casa de Senhor Carlos e desata a correr atrás da ambulância. Ainda apanha a sua boina no chão e chora ajoelhado no alcatrão.

Num terreno baldio, Hércules triste, segura um livro; acena a cabeça para o coveiro e solta o livro para cima do caixão. Lá dentro jaz Senhor Carlos.

Uma madrugada de nevoeiro, segue, estrada fora um jovem, Hércules, à boleia. Destino incerto. Desaparece na imensidão do nevoeiro.

Da ideia à criação do guião:

O tema proposto serviu de ponto de partida para a construção da narrativa da curta-metragem. A partir daí, esta etapa foi fácil e difícil. A minha ideia, desde o principio era fazer uma abordagem estilisticamente, clássica, na curta-metragem. Como por vezes as ideias não se traduzem, como desejado, no papel, a tarefa complica-se. Tinha também algumas limitações que tinha de levar em conta; como o baixo orçamento e os poucos recursos em termos logísticos.

O projecto à partida, teve algumas influências; foi pensado num formato de Cinema Clássico, onde o Tarkovsky, é uma das minha referências por excelência. Um estilo que privilegia o enquadramento, as imagens pitorescas e acima de tudo, o plano de sequência. Depois, as influências vão surgindo naturalmente, e até podem passar despercebidas.

À ideia base, que delineava uma história, num espaço temporal indefinido, de alguém que revive memórias do passado, no presente, sendo essa uma realidade alternativa, ou não.; criou-se a possibilidade de juntar a isso, memórias minhas pessoais, o que me motivou/ajudou na construção da narrativa e dos personagens. Algumas dessas minhas memórias traduz-se em termos práticos no filme como, o espaço narrativo, a representação dos locais onde eu passei alguns episódios, sempre com a natureza como pano de fundo, o permanente contacto com a esquecida fauna e flora, que tanto distinguem uma das coisas que temos de “belo”, no nosso país. Adaptar este tipo de paisagens à ideia base, foi fazer crescer um enredo dentro desse contexto. Acomodar as personagens nesse espaço-tempo, e moldá-las a essa realidade.

Consequentemente, as peças do puzzle foram-se encaixando e surgiu uma primeira versão do guião. Deparava-me com um primeiro grande problema, queria manter o discurso simples e real, que se tornava demasiado monótono. As alterações ao guião sucediam, e a ideia original já se desvanecia, à medida que as alterações ao guião iam sucedendo, mas acabou por prevalecer. O resultado final é fiel à ideia original apesar dos demais imprevistos.

A verdade é que o resultado final não é o pensado exactamente inicialmente, o que muitas vezes acontece

Caracterização das Personagens:

Sendo um filme, com apenas duas personagens, teriam que ser bastante expressivas. Com diferença de idades. Por um lado, o Senhor Carlos, um senhor de idade, tem a sabedoria da vivência dos anos que passaram e que quer transmitir os seus ensinamentos de modo a deixar um legado. Aparenta ser mais velho por estar um pouco mal estimado, também devido a estar a sofrer de uma doença prolongada. É um solitário. E Hércules, um jovem confuso, com dificuldade em manter-se em sintonia com o seu redor e que recentemente, perdeu o seu Avô, e que o revê em Senhor Carlos.. É aí que surge o primeiro elo de ligação entre os dois, Carlos também vê em Hércules, a imagem dum neto, que nunca teve. Quando se conhecem, a apatia é notória nos dois. É Carlos quem mais intervém e Hércules permanece num registo menos conversador. Mas a personagem principal é Hércules, e Carlos aparece nas memórias dele. À medida que se vão conhecendo, vão partilhando vivências, e a cumplicidade vai aumentando, e a amizade é inevitável. O relacionamento entre ambos é importante e bem patente no filme. Acabaram de se conhecer, mas é como se, se conhecessem há muito tempo.

Pré-produção:

Esta é a parte mais trabalhosa, mais difícil, mas também a parte que facilita todas as outras partes. É a base para fazer um filme. Tomar decisões até aqui foi fácil, aqui chega a parte onde essas decisões têm de se transformar em certezas e conseqüentemente, acções. Onde as decisões se conjugam, e se concretizam, na rodagem.

A raperage foi feita rapidamente a partir do momento de que soube onde iria filmar, a princípio pensei em filmar na Covilhã, mas decidi filmar perto da minha área de residência, por uma questão paisagística e de logística. Incide em paisagens verdejantes, com a flora, característica da zona em questão, em destaque. Foram sítios todos filmados num raio de 50kms. Um dos locais, uma cena para ser filmada com fundo verde, que acontecia num comboio foi cancelada, por incumprimento de palavra por parte da entidade, a dois dias da rodagem. O que se resolveu, adaptando a situação a um carro em vez de ser num comboio, o plano do fundo verde manteve-se.

Quanto à escolha dos actores, foi uma escolha fácil e levando em conta as possibilidades e limitações quando não é um projecto renumerado. A escolha do Cândido Ferreira, para o Senhor Carlos foi natural, já conhecia de outros projectos no âmbito da UBI. Já o Guilherme Barroso, para o Hércules, não era a primeira escolha, sendo que tinha um actor que já conhecia, mas que teve outros compromissos e acabou por cancelar em cima da hora, mas que me sugeriu e me deu o contacto do Guilherme.

A formação da equipa técnica foi uma parte que teve por base, a convivência pessoal e afinidade profissional com as pessoas envolvidas. Já todos tínhamos colaborado em projectos anteriores, sendo uma equipa técnica formada por sete elementos. A decisão de filmar perto da minha área de residência, também foi influenciada pelo facto de poder acolher colegas da equipa técnica em casa, poupando em dinheiro se os alojasse num hotel.

Em termos logísticos, a preparação do “catering” e o transporte ficou entregue aos meus pais, que colaboraram graciosamente.

Rodagem:

- Objectivo

Tal como disse, com uma boa pré-produção, é meio caminho andado para uma boa rodagem, ou seja, está-se mais prevenido em termos de imprevistos, porque eles acontecem. A questão é saber quantos? Nesta rodagem, aconteceram alguns, que foram solucionados com coerência. O mapa de rodagem foi cumprido com rigor, claro que alguns tempos foram dessincronizados. Com o esforço e dedicação de todos os envolvidos, o objectivo principal na rodagem foi conseguido.

Por uma questão de incompatibilidade entre os actores, a rodagem teve a duração de três dias, o que fez com que existisse alguma pressão para cumprir o rigor na gestão do tempo. Também provocou bastante desgaste na equipa, por estarmos a filmar durante cerca de vinte horas seguidas. Ainda em consideração, a gestão do cansaço dos actores. Uma tarde, um dia inteiro e uma manhã, para filmar dez cenas. Foi o que aconteceu. Também levou a alguma passividade em relação à repetição e na insistência para o detalhe minucioso até chegar à perfeição, ou aquilo a que tínhamos visualizado, antes de acontecer, aquando da gravação de alguns planos.

Uma das grandes lacunas para a rodagem, e da inteira responsabilidade da gestão do material por parte da UBI, foi a falta de vídeo-assist, simplesmente porque na hora de levantar o material, ninguém sabia dos monitores. Então foi correr do Cyber-centro para o CREA, do CREA para o Cyber-centro e não havia nem um monitor, ou não sabiam dele. Isto quando, o material foi requisitado com a devida antecedência. Ou seja, o guia visual para mim e para o Director de Foto for o pequeno ecrã da câmara de filmar, o que pode ter levado ao simples apagar de alguns planos que simplesmente apresentam falhas imperceptíveis num monitor de dimensões tão reduzidas.

- Realização:

- O Plano de sequência; fixo e com movimento:

Em termos de enquadramentos, os planos foram fieis ao story-board inicial e as escalas entre planos, nas sequencias, surgem do mais geral para o pormenor e vice-versa. Um dos grandes contra-tempos em termos de rodagem, foi o equipamento para dois planos de sequencia, ou a falta dele. Haviam dois travellings que contava fazer, o charriot utilizado era o da UBI, mas era muito grande para certos espaços, entre outras limitações, como o seu eixo desalinhado, que obrigou a cortar mais de metade do travelling, na cena do Funeral. Antes disso, já tinha requisitado uma “glide-track”, equipamento esse que não chegou a tempo da rodagem para ser utilizado. Assim sendo, fiquei-me por alguns planos de sequência fixos em duas cenas. Um dos mestres a utilizar o plano de sequência, como já referi, foi o Tarkovsky, um dos planos que inicialmente tinha pensado, era o bem conhecido travelling, no filme, “O espelho”. No entanto, possui alguns planos de referência, fixos, nas paisagens pitorescas ao natural/cru ao redor. Em espécie de homenagem ao mesmo Tarkovsky, do “Espelho” e até do “Sacrifício”. O filme em si, também assume cenários em parte idênticos aos do “Sacrifício”.

Ficaram a faltar os planos de sequencia, que seriam filmados no jantar, podendo criar outro tipo de ritmo e de sequência. Não obstante, estes planos podem vir a ser filmados num futuro próximo.

Quanto aos movimentos de câmara em si, foram bem delineados, mas nem sempre bem conseguidos. Em jeito de comparação, a cena inicial do “Sacrifício”, abre com um plano em travelling longo, em que a câmara mexe-se tão lentamente, mas tão suave, que nem sentimos, a não ser pela distancia à água se ir aproximando de forma evidente. No caso de “A Bruma”, o operador de câmara, desempenhou bem o seu papel, apesar de ser um Câmara-man habituado a lidar com outro de ritmo de filme e de sequencias mais rápidas em que a câmara à mão é essencial. Sendo que essa técnica foi utilizada em algumas partes, de modo a criar algum contacto com as personagens e perder alguma monotonia que se pudesse criar no filme. No contexto geral, os movimentos pretendidos, movimentos simples mas lentos e suaves, perfeitos; foi conseguido em parte mas não no seu todo.



- Opções estéticas:

-Fotografia:

Em termos visuais, para a fotografia do filme tinha inicialmente discutido com o Director de Fotografia, que o filme estaria inserido em três situações diferentes em termos de tonalidade. As cenas em que o Hércules aparece sozinho, seria em tons azulados, mas deslavado, como se ainda fosse algo incolor; as cenas em que aparece com Carlos no campo, em tons esverdeados, a ganhar cada vez mais cor e vida; e as cenas do jantar e da casa de banho em tons avermelhados, estas cenas já em tons muito quentes e a criar intimidade. Esta intercalação está ligada aos diferentes estado de espírito das personagens ao longo do filme.

-Sonoplastia:

Quanto à sonoplastia, manter-se-ia simples e eficaz. O que se traduz no filme na sua maioria. As constantes paisagens e o quotidiano no campo iriam significar, um constante colchão sonoro das ambiências da natureza. A discussão entre mim e o Director de Som surgiu aquando da decisão para a banda sonora, criada por ele. A ideia de ser algo nostálgica foi a base, depois discordamos no sentido de ser melodramático, ou alegre, sendo o filme, crescente em termos de alegria, era natural que fosse mais alegre.

- Direcção de Actores:

Foi nesta área que senti maiores dificuldades, primeiro por alguma inexperiência a dirigir actores, e depois pela falta de tempo e toda a pressão que isso fazia acumular. Como não tinha tido tempo prévio para prepará-los para o papel. Já tinham lido o guião mas a preparação prévia, com tempo, para as personagens quase não existiu. A solução arranjada foi adequar as personagens aos diálogos, dentro do que eles interpretavam com isso e isso foi conseguido com a ajuda dos actores, que foram excepcionais, na hora de ajudar. Ou seja, foi-lhes dada alguma liberdade na hora de trocar a ordem de alguns diálogos ou a interpretar mais à sua maneira de modo a que se sentissem mais confortáveis. No entanto, ficou a faltar mais algum trabalho e detalhe na hora da construção das personagens por falta de tempo, o que depois se torna um pouco notório na alguma falta de profundidade que possam assumir em algumas situações.

Pós-Produção:

A parte mais gratificante ao fazer um filme; ao jeito das palavras de Stanley Kubrick: "...tudo o que antecede a edição, é apenas um meio de produzir filme para ser editado." É nesta parte que se faz o filme e é só nesta altura que sabemos se a nossa ideia inicial se vai manter fiel ao resultado final. Também podem surgir decepções por cenas que não ficaram como deviam, ou como inicialmente pensadas.

-Edição e montagem:

Tal como Kubrick, a mim é das partes de que mais gosto. Neste filme não foi excepção. O filme em si, não envolvia grandes técnicas de montagem, apenas teria que respeitar o ritmo lento, suave dos planos e sequenciá-los de forma coerente. Uma das partes que exigia um pouco mais seria a do fundo verde no carro, em que os dois conversam. Foi um desafio para mim fazer esses backgrounds de fundo verde, que foram adequados o máximo possível ao filme. Apesar do esforço, a experiência a trabalhar em efeitos especiais não é demais e o resultado não é o melhor nessa cena filmada com o "chroma-key". Essa foi a única parte que envolvia algum tipo de "efeitos especiais".

- Banda sonora:

A ideia da banda sonora partiu da imagética do filme, ao vê-lo a crescer, fez-me repensar a música adequada para o filme. A ideia que tínhamos, eu e o Director de Som, que foi quem compôs a banda sonora; era a de algo nostálgico mas alegre. A princípio começamos com algo clássico, a sinfonia orquestral normal em termos sonoros em filme. Mas, tal como referi anteriormente acima, o filme traduz em parte o que nós temos de Belo entre fronteiras, em termos imagéticos, porque não traduzi-lo para registo sonoro. A partir daí fomos ouvindo e experimentando. Tomamos a decisão de compor a partir de música "nossa", ao som da guitarra portuguesa.

-Correcção de cor:

Ficou para último, em sintonia com um colega, fazer a correcção de cor e modo a respeitar as tonalidades pesadas à partida para as diferentes cenas e consequentes estados de espírito. Conciliar essas tonalidades, com o facto de querer mostrar em algumas cenas, que o que as personagens podem estar a viver, é um sonho, foi o mais complicado. Conseguir isso, significava distanciar o que se vê no filme, além de diferentes situações e estados de espírito, também um contraste na realidade vivida pelas personagens, do sonho ou do real, e que seja perceptível, mas não oferecido.

Conclusão:

Alguns acreditam na felicidade absoluta, outros nem sabem o que significa a palavra. Neste filme percebemos e sentimos, por um lado, a utopia do significado da palavra, mas por outro percebemos que nos pode atingir a qualquer momento, e o sonho pode ser um dos meios para a poder alcançar.

Em primeiro lugar, o filme apresenta uma busca constante do jovem, não pela felicidade, mas pelo sentido da vida. Sentido esse, que por vezes pode estar mesmo à nossa frente, que podemos nem ver. Na maior parte dos casos, é na simplicidade que isso é conseguido. Dar valor ao mais comum, ao mais simples, ajuda a saborear cada vez mais, cada momento de existência. Por conseguinte, a nossa existência, é posta em causa cada vez mais. Há quem diga, que o mundo que vivemos é apenas mais uma percepção criada pela nossa imaginação, o que possibilita que existam realidades alternativas mesmo que não sejam materiais, mas que se podem desmultiplicar. Isso acontece por uma razão; a perda do propósito da vida de cada um de nós. Consequentemente, pode levar ao suicídio, ou à doença provocada pela solidão. É aí que o nosso imaginário nos pode potenciar algo que nos ajude a confrontar essa doença, de modo a regredir. Por vezes provoca um ciclo de vivência, que é o que acontece com Hércules, que revê o seu Avô numa pessoa que conhece quando embarca numa viagem.